

## UM MOVIMENTO MESSIÂNICO NO INTERIOR DA BAHIA (\*)

*Raymundo Duarte*

(Salvador, Bahia)

Desde os fins do século XVIII verificam-se, sobretudo numa faixa do território brasileiro situada entre os paralelos cinco e quinze, freqüentes manifestações religiosas coletivas de características messiânicas, que têm exercido profunda influência sobre as populações caboclas de vários estados brasileiros. De um modo geral correspondem a atitudes de fuga de um estado insatisfatório de vida, através de um ideal mítico rigorosamente fortalecido, bem como uma grande resistência a determinadas mudanças sócio-culturais que venham atingir sobretudo a ordem moral e religiosa tradicionais. De outro lado, provocam certas transformações no sistema de produção e utilização das terras, que destoam completamente da ordem vigente, muito embora totalmente amparadas num sistema de idéias derivadas da própria religião do grupo.

Através de movimentos dessa ordem líderes carismáticos e seus adeptos têm procurado instalar sobre a terra comunidades em que, mediante uma estrutura social correspondente, se encontrem soluções para as suas necessidades religiosas e sócio-econômicas. Todavia, o estabelecimento de uma nova ordem sócio-cultural por parte dos chamados fanáticos entra em choque com as normas religiosas, políticas, sociais e econômicas vigentes nas populações caboclas. Além disso, a imposição de uma nova ordem acarretou, em alguns casos, o recurso a rigorosas sanções no interior do próprio grupo, a fim de garantir o seu funcionamento nos novos moldes. O rigor dessas sanções muitas vezes ia de encontro à própria ordem jurídica da sociedade tradicional, embora tivessem pleno apoio no mecanismo sócio-cultural da comunidade messiânica. Daí a violenta repressão que muitas vezes impediu a observação daqueles movimentos de religiosidade rural através de critérios científicos e sem prenoções impostas pelo calor da luta ou pelos valores e padrões válidos no contexto sócio-cultural dos observadores.

---

\*) Trabalho baseado em pesquisa de campo patrocinada pelo Seminário de Antropologia da Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia e pelo Programa de Pesquisas Sociais da Fundação para o Desenvolvimento das Ciências na Bahia, sob a orientação do Prof. Thales de Azevedo. Quero aqui registrar os meus agradecimentos pelas sugestões da Profa. Maria Isaura Pereira de Queiroz.

De modo geral possuem êsses movimentos várias funções que a título de hipótese podemos sugerir:

1a. — Proporcionar, através de um sistema de trabalho comunitário apoiado no ideal de irmandade, um maior rendimento econômico necessário a uma melhoria de vida para a sociedade regional.

2a. — Promover a recuperação de padrões morais e religiosos próprios da cultura rústica local na iminência de desaparecerem por fôrça da assimilação de outros, provenientes de outros contextos culturais.

3a. — Dar uma forma mais organizada às diversas práticas do chamado “catolicismo popular” que vigora no Brasil paralelamente ao “catolicismo ortodoxo”.

4a. — Fazer com que sejam vividos certos padrões ideais do catolicismo que vêm se modificando por fôrça de mudanças operadas na sociedade. Isto explica, por exemplo, a estrita observância de muitos preceitos bíblicos, o apêgo a antigos livros de orações já em desuso e a pregação do ideal de irmandade através de uma vida organizada em moldes comunitários.

Essas funções, ao que nos parece, podem ser verificadas no movimento de Pau de Colher, objeto desta comunicação.

No início de 1938 começaram a surgir notícias de que havia um grupo de indivíduos fanatizados reunido numa clareira aberta em plena caatinga na fazenda denominada Pau de Colher, ao noroeste do município de Casa Nova, norte da Bahia. A oeste de Pau de Colher está a serra dos Dois Irmãos, fronteira da Bahia com Piauí, e a nordeste a serra do Ouricuri. Embora situada na caatinga, a região oferece alguma possibilidade de vida durante as sêcas devido a uma grande cacimba existente à margem de um caminho de tropa que corta o município na direção nortesudoeste.

A reunião dos “fanáticos” em Pau de Colher começou a preocupar as autoridades de Casa Nova quando José Senhorinho, líder do grupo, alimentando um ideal mais amplo de salvação, enviou uma missão de alguns sequazes à fazenda Barra, mais ao sul, a fim de obter novos adeptos. Não conseguindo as adesões esperadas, os emissários justiçaaram a cacetadas diversos moradores.

Para combater o grupo, seguiu o sargento Geraldo Bispo dos Santos, delegado do município de Casa Nova, comandando um destacamento formado pelo cabo Antônio Vieira Silva (Vieirinha), quatro soldados e trinta civis. Na noite de 10 de janeiro de 1938 o cabo Vieirinha penetrou no reduto, matando a tiros os principais chefes. Com a morte dêstes, os adeptos, em número de mil e seiscentos (Gueiros, 1942: 17), massacraram o cabo Vieirinha e o soldado João Batista, o que levou à fuga a tropa legal.

Devido a essas primeiras derrotas articularam-se as autoridades federais e estaduais, a fim de terminarem com o ajuntamento. Tropas baianas, pernambucanas e piauienses se deslocaram para a região, o mesmo acontecendo com tropas do Exército, que não interferiram, pois o caso foi considerado da alçada policial.

Pensou-se num cêrco do reduto por intermédio das três polícias; antes disto, porém, a fôrça pernambucana de noventa homens, comandada pelo Capitão Optato Gueiros, temendo ser envolvida pelos "fanáticos", invadiu e destruiu todo o acampamento. Travou-se o combate entre 19 e 20 de janeiro de 1938, resultando 157 baixas no grupo e 6 entre as fôrças legais (Gueiros, 1942: 17).

O movimento de Pau de Colher tinha íntima relação com outro ocorrido no sul do Ceará, num sítio do município de Crato, denominado Caldeirão. O do Caldeirão, por sua vez, estava ligado ao foco de Juazeiro do Norte, já que, após a morte do Padre Cícero, o centro de convergência de caboclos se transfere, até certo ponto, de Juazeiro para o Caldeirão. O movimento do Caldeirão foi chefiado pelo "beato" José Lourenço, que chegou à zona do Cariri atraído pela liderança carismática do Padre Cícero. Envolvido na questão do "boi santo" (Lourenço Filho, s. d.: 95), foi viver o "beato" num sítio estéril de propriedade do Padre Cícero, chamado Caldeirão. Com a morte do padre, os missionários salesianos que o substituíram na paróquia não deram nenhuma atenção ao sítio, devido à esterilidade do solo, e Lourenço, que lá estava, aos poucos foi organizando uma comunidade sôbre base religiosas e econômica. Em Caldeirão se formou um grupo coeso, já que a religião padronizada pelo ideal de irmandade, como as atividades econômicas conjugadas, lhe proporcionavam um alto grau de integração. Em pouco tempo, graças ao ideal religioso e ao trabalho pelo sistema de ajuda mútua, a região, antes considerada imprestável, foi totalmente recuperada, vindo a possuir um sistema de barragens, poços, cisternas, como também uma produção animal e vegetal que garantia a alimentação do grupo (Figueiredo, s. d.). O reduto do Caldeirão foi destruído em setembro de 1936 pelo Capitão José Bezerra da Polícia Cearense, no que foi apoiado por bombardeios de aviões militares sob o comando do oficial da aeronáutica José Sampaio (Gueiros, 1956: 277).

O movimento do Caldeirão exerceu grande influência sôbre a população que vivia na área de contôrno, antes centralizada por Juazeiro, porque surgiu a crença de que, indo para o Caldeirão e incorporando-se ao grupo de José Lourenço, as possibilidades de melhoria, tanto espiritual como material, seriam grandes, o que é perfeitamente explicável, levando-se em consideração o tipo de comunidade que lá se instalou, como também a fertilidade da região do Cariri em comparação com o restante do polígono das sêcas, fato que provàvelmente explica o desloca-

mento de pessoas para aquela área antes mesmo da atuação do Padre Cícero (Pinheiro, 1950: 353).

A instalação, em Pau de Colher, de um movimento de características messiânicas está intimamente ligada à passagem, pelo noroeste da Bahia, de um "beato" que veio do Caldeirão e que se chamava Severino. Severino esteve na Bahia possivelmente entre 1933 e 1935, percorrendo o interior de vários municípios do médio São Francisco. Penetrou no território baiano através de um caminho de tropa que corta o Estado no sentido norte-sudoeste. No município de Casa Nova esteve em vários locais como: Ouricuri, São João, Surdo, Queimadas, Pau de Colher, Malvão, Santa Cruz, Castanheiro, Lagoa do Alegre. Apresentava-se como emissário divino plenamente convicto da sua condição; costumava dizer: "foi deixado que no fim das eras há de vir o conselheiro com o bastão na mão, aconselhando o seu rebanho; quem quiser acreditar, é este; quem não quiser, é este mesmo". Quando da vinda ele se vestia de calça e camisa branca, trazendo na lapela o retrato do Padre Cícero. Conduzia uma cabaça e uma alpercata de xilé (feita de couro cru, com duas tiras adaptáveis entre os dedos maiores do pé). Impressionou vivamente os caboclos que moravam em Pau de Colher e nas suas proximidades pelos traços raciais "finos" que possuía. E' descrito como indivíduo baixo, de côr branca, barba ruiva, mãos e pés delicados e olhos claros. Um dos informantes acentuou: "Era um homem de trato e de boa família, pelo menos na côr". Também a sua maneira de falar impressionava a todos: "Tudo era espevitado quando ele falava".

Analisando as pregações de Severino, encontramos muitas idéias ligadas a um ideal de fraternidade, a oposição à remuneração dos atos oficiados pela Igreja oficial, a crença milenária do próximo fim do mundo, etc. Prescrevia severos padrões de conduta moral e religiosa, como elocução das orações e do sinal da cruz, rigoroso respeito e obediência dos filhos aos pais, redução dos excessos da vaidade feminina, como saias curtas, cabelos cortados etc. Ao passar pela Bahia, cantou numerosos benditos em que há referências ao sofrimento da classe pobre, o que estaria relacionado com o descontentamento dos entes divinos pelo relaxamento de tradicionais padrões de comportamento cujas conseqüências mais imediatas eram a degradação dos costumes e o esquecimento dos deveres religiosos.

Ao passar por Casa Nova, Severino esteve na fazenda Pau de Colher, situada à beira do caminho que liga os povoados de Ouricuri e Lagoa do Alegre. Pau de Colher era na época inegavelmente o terceiro centro de convergência da população regional, pois, além de possuir uma feira, também tinha uma boa cisterna. Era na área o único local sem a categoria de povoado em que havia feira. Lá viviam três famílias chefiadas por Rozendo, Luís Carlota e Romualdo (posteriormente José Se-

nhorinho, filho de Romualdo, casou-se com Ana e constituiu nova família). Os habitantes de Pau de Colher praticavam um catolicismo de tipo "popular"; as relações com o catolicismo ortodoxo só se faziam quando havia missas nos povoados próximos ou por ocasião de acontecimentos religiosos familiares ou festas tradicionais da Igreja, o que motivava o deslocamento de muitas pessoas para a sede do município. A religião daqueles caboclos tinha grande função terapêutica, daí o grande prestígio dos "rezadores" pela confiança que inspiravam; também, devido às necessidades de chuva, costumava-se fazer promessas, que variavam dos oferecimentos de determinado número de "rodas de São Gonçalo" até as que requeriam um sacrifício muito grande, como o desfile em que, saindo pela roça, homens, mulheres e crianças carregavam pesadas pedras sobre a cabeça, cantando:

"Meu divino São José,  
Aqui estou em vosso pé,  
Pedindo água com brandura.

Meu Jesus de Nazaré,  
Meu Deus, meu Senhor,  
De mim tenha dó,  
Que a sêca tá grande.

Tá todos virando pó;  
Na casa do rico, nela não se come,  
Na casa do pobre, nela não se bebe".

Dentre as pessoas que viviam em Pau de Colher, adquiriu grande prestígio José Senhorinho, em primeiro lugar por ser uma das poucas pessoas alfabetizadas em toda a região, sendo por todos tratado como um "macho na leitura"; além disso, como "rezador" especializado, sobretudo em doenças de pessoas do sexo feminino; finalmente, era um dos lavradores mais bem estabilizados na região, plantando sobretudo algodão e mamona.

José Senhorinho foi dos que alimentavam a crença no poder de salvação e de segurança material que representava o sítio do Caldeirão, tanto que, logo depois de casado, esteve três vezes naquele local. Quando da passagem de Severino pela região, manteve íntimo contacto com este e teve ocasião de demonstrar os seus conhecimentos da doutrina religiosa respondendo a todas as perguntas que o "beato" lhe fazia; para isso consultava as suas fontes prediletas: a Bíblia, a "Missão Abreviada" e "O Caminho Reto e Seguro".

Com a partida do "beato" Severino, José Senhorinho tornou-se o continuador do seu trabalho. Passou a reunir em sua casa, aos domingos, pessoas de vários locais, a fim de explicar o que continham os seus livros

de orações. Certo dia “mudou de fala” (passou a falar de maneira “embolada”), e êste sintoma foi encarado como prova dos seus dons sobrenaturais. Como vemos, Senhorinho, que já possuía um “status” sócio-econômico elevado, agora dava provas do seu carisma, pois, além de seu poder curador, apresentava sintomas de êxtase (Weber, 1944: 80); por isso, daí em diante foi encarado como “santo” e o número de visitantes em sua casa aumentou muito.

Em fins de 1937 o panorama iria modificar-se, pois aos poucos a mera manifestação de catolicismo “popular” se transforma em movimento social realmente organizado. Concorreu para isto a chegada, a Pau de Colher, de outro “beato”, chamado Quinzeiro, ex-participante da comunidade do Caldeirão, que fôra extinta nos fins de 1936. Quinzeiro, que se dizia da “mesma disciplina” de Severino, afirmava ter vindo “lembrar o Caldeirão”. Fixou-se em plena caatinga, nas proximidades da casa de Senhorinho.

Aos poucos, os caboclos iam se fixando em tórno da casa de José Senhorinho, que declarava ter recebido ordens de José Lourenço no sentido de dali partirem para o Caldeirão. Parte da caatinga foi devastada e surgiu uma clareira semicircular. No centro do “circo” estava a casa de Senhorinho, que preenchia as funções de capela, já que em um dos quartos havia o “santuário”. O lado esquerdo da casa era ocupado por uma latada circular coberta de palha e panos, para abrigo de mulheres e crianças. Para o ingresso no grupo havia severas exigências, como a de pagar tôdas as dívidas anteriores, ter vida familiar organizada, dentro dos moldes católicos etc.

O ajuntamento de Pau de Colher estava organizado em três grupos: o primeiro era o grupo dirigente, que se inspirava diretamente nas idéias de José Lourenço. No mais alto lugar hierárquico estava Quinzeiro, homem de grande prestígio por ter vindo do Caldeirão. Logo abaixo, José Senhorinho, líder carismático no sentido integral, dirigia todos os movimentos do grupo. Seguiam-se outras pessoas escolhidas por Senhorinho para determinadas funções na administração da comunidade, como responsabilizar-se pelo depósito de mantimentos etc. Os membros do grupo dirigente eram tratados de “meu padrinho”, e todos os adeptos obrigados a pedir-lhes a bênção; além disso, recebiam o nome de um santo de canonização popular ou ortodoxa. Exemplos: José Senhorinho: “meu padrinho São José”, Quinzeiro: “meu padrinho Cícero”, Ana: “minha madrinha Santa Cruz”, José Camilo: “meu padrinho Moisés”, João Damásio: “meu padrinho Arão”. O segundo grupo era o das “sopradeiras”, mulheres que proporcionavam “alento” soprando na bôca dos que partiam para qualquer missão, a fim de lhes dar fôrças. O terceiro era o dos adeptos que cumpriam longo ritual de rezas, cânticos, assistência a pregações, romarias, e que tomavam a bênção aos do primeiro grupo.

Em Pau de Colher os homens tinham por costume portar cacetes de madeira com uma cruz gravada; eram o símbolo da justiça divina, servindo para a eliminação dos que “não eram da mãe de Deus” e dos que apresentavam sintomas de “transformação em fera” (simbolismo que denunciava a impureza do indivíduo). Matavam-se a cacetadas aos que eram contrários ao grupo e a seus padrões de comportamento. Assim, foram mortos o cabo Vieirinha e todos os que desta ou daquela maneira não aceitaram as idéias cultivadas no grupo. Matavam-se também aos que desobedeciam às regras fundamentais de comportamento que vigoravam no reduto; exemplo é o caso de um indivíduo participante do grupo que tentou penetrar no trecho reservado às mulheres, a fim de estar com a espôsa; esta quebra de um padrão lhe causou a morte, pois as relações dos indivíduos não eram mais reguladas pelo sistema familiar e sim por um sistema de irmandade, com rigorosa separação por sexos. Os homicídios e a grande disposição para a luta entre os “fanáticos” encontram explicação no próprio dinamismo religioso do grupo; nada mais eram que um mecanismo de repressão e seleção. Matar os que estavam “virando fera” e os que eram contra a causa significava obter maiores possibilidades e melhores dias, pois a eliminação dos maus aumentava as credenciais para os bons poderem atingir o “nôvo reino” tão almejado: o sítio do Caldeirão.

Os membros do grupo de Pau de Colher vestiam-se uniformemente: os homens trajavam calça e camisa preta de mangas compridas, enquanto as mulheres usavam saias e casacos compridos tingidos de prêto. As roupas pretas eram em sinal de luto pelo “retiro” (morte) do Padre Cícero, o que na opinião dos informantes trazia a proteção divina. Os ideais e as ações dos participantes da comunidade de Pau de Colher indicam bem a natureza transitória do grupo, com o aprimoramento e peneiramento necessários à satisfação de uma aspiração comum que era o deslocamento para o Caldeirão; todos tinham reservada uma alpercata de xilé à espera do dia da viagem; por outro lado, o caráter transitório se traduzia na despreocupação total pelas atividades econômicas de subsistência; ninguém plantava e quem quer que possuísse mantimentos nos seus depósitos incumbia-se de buscá-los para manter a comunidade.

De acôrdo com os diversos informantes, era intensa a atividade religiosa diária. Ouviam-se pregações de Quinzeiro e Senhorinho, geralmente sôbre temas como: ideal de irmandade, levantamento moral dos costumes, observância de normas religiosas católicas, observância dos padrões impostos ao grupo, como: separação por sexos, cumprimento dos tabus alimentares, abstenção de vícios, atitudes respeitadas durante os atos religiosos etc. O ponto alto eram as rezas, em três horários: às 12 horas, às 17,30 (“bôca da noite”) e pela madrugada, quando todos acordavam ao som do cântico:

“Alevanta, pecador,  
Da cama que está deitado,  
Vamos ver Jesus em tormentos  
Pelos nossos grandes pecados.

Alevanta, pecador,  
Trata do que há de fazer,  
Vamos cuidar em nossa vida  
Antes de morrer”.

Durante as rezas, o grupo era colocado em fila: à direita, os homens; à esquerda, as mulheres; a fila iniciava-se no “santuário”. Senhorinho, entre as duas filas, iniciava a sua pregação, correndo de um lado a outro, e girando na mão o seu rosário; seguiam-se as orações, como o Sinal da Cruz, o “Anjo do Senhor”, “Maria Valeri-me”, Ato de Contrição, “benditos” diversos etc.

Pelo visto, José Senhorinho gozava de grande prestígio, apoiando a sua liderança em manifestações sobrenaturais. Contam os informantes que, certa feita, todos estavam em Pau de Colher, quando se ouviu forte ruído de uma chuva incomum; todos temeram a inundação, enquanto Senhorinho se mantinha impassível, deitado na rede; mais tarde, levantou-se e abençoou a chuva, que se deslocou para mais longe, transformada em chuva de fogo.

Desejamos acrescentar aqui algumas observações à guisa de uma conclusão muito preliminar como ponto de partida para uma interpretação histórica e sócio-cultural do movimento que será dada quando da elaboração definitiva do trabalho sobre o assunto.

A expressão *messianismo* implica inicialmente a crença da vinda de um “emissário divino” ou libertador, que porá fim a uma ordem presente de coisas e a substituirá por uma nova ordem que trará felicidade paz e melhores condições de vida para o homem (Queiroz, 1957: 209). A vinda de um “salvador” satisfará uma ânsia por um mundo livre de imperfeições e sofrimentos; daí ser a crença messiânica mantida por grupos que desejam sanar os defeitos dos seres humanos e inaugurar um reino de piedade e justiça. Representa uma busca do sobrenatural devido à impotência das intervenções terrestres. Segundo Maria Isaura Pereira de Queiroz, os seus elementos principais são: difíceis condições sociais para uma coletividade; desejo de mudança social expresso na esperança de que um herói ou um “santo” restabeleça as condições anteriores de felicidade ou conduza o povo ao Paraíso Terrestre: a espera da chegada do herói, santo ou emissário divino (Queiroz, 1958-2: 111). Também a expressão *messianismo* se aplica ao movimento, isto é, à ação de um grupo que, sob a liderança de um indivíduo portador de carisma, pretende a realização, sobre a Terra, do Paraíso Terrestre prometido (Queiroz, 1957: 209). A

origem do movimento parte de um mito messiânico cultivado no local e o movimento é caracterizado pelo fato de um grupo sofredor, que alimenta a crença messiânica, ver aparecer um líder carismático que, dirigindo as atividades do grupo, trabalha no sentido de transformar e melhorar as precárias condições de vida. O movimento messiânico está ligado à vinda de um profeta messiânico ou pré-messias e de um messias, o líder do movimento. O profeta é um indivíduo portador de carisma, anuncia a vinda do Paraíso Terrestre, mas não proporciona a sua chegada, já que não funda *nôvo reino*. Ou anuncia a vinda de um messias ou o seu próprio retorno, investido de qualidades messiânicas. O messias, igualmente portador de carisma, não se apresenta como mero anunciador, pois atua sobre a vida dos seus adeptos, trabalhando com eles no sentido da instalação da "idade de ouro da promessa messiânica".

Pelas características do movimento de Pau de Colher, tudo parece indicar que o "beato" Severino funcionou como profeta messiânico, já que se enquadra nas características que distinguem os profetas; simples mensageiro, não proporcionou a chegada de um novo reino, não consentindo a permanência demorada de grupos em seu redor; era portador de carisma definido pela sua comunhão com a divindade, o que lhe dava posse de conhecimentos sobre os aspectos mais essenciais da vontade e manifestação divinas. Era inflexível diante da quebra da ordem moral e sua autoridade se apoiava em revelação pessoal. Com a sua vinda surge um mito messiânico caracterizado pela aspiração dos caboclos de irem ao sítio do Caldeirão, onde se reorganizaria a comunidade sócio-cultural extinta e, naturalmente, o retorno triunfante daquele líder "salvador", José Lourenço, que se encontrava foragido.

Além de determinar o nascimento de um mito de características messiânicas, Severino, através da sua pregação, traz a palavra de alerta contra o relaxamento dos antigos padrões culturais na iminência de serem obliterados pela cultura ocidental da sociedade ampla. Isto explica a sua atitude firme contra o desleixo no cumprimento das obrigações religiosas, as novas modas, o desrespeito dos moços para com os velhos, a ideologia comunista etc. Para reavivar os velhos padrões, Severino recorreu à doutrina teológica e, numa interpretação milenarista, dirigiu toda a expectativa para o fim do mundo bem próximo (não passaria do ano 2.000), com a necessidade urgente de salvação, condicionada ao cumprimento daqueles padrões em vias de desaparecer.

Com a instalação de Quinzeiro, o novo profeta, em Pau de Colher reativou-se o que tivera origem com Severino. A sua chegada modifica a ordem das coisas, uma vez que José Senhorinho, pelas razões explicadas já possuidor das qualidades de líder carismático, passa a ter uma nova atuação. Dizendo ter ordens do "beato" José Lourenço para reunir o pessoal (talvez para reinstalar a comunidade ideal do Caldeirão), Senhorinho contribuiu poderosamente para o surto, em Pau de Colher, de

um movimento de caráter preparatório. O grupo visou à preparação dos que deveriam dirigir-se para o Caldeirão, bem como a aplicação da justiça aos que se revoltassem contra os ideais míticos cultivados pelo grupo. A atuação de Senhorinho mostra que ele possuía muitas das qualidades de "messias". As suas ações sobrenaturais definiram o seu carisma perante os adeptos e ele cada vez mais se destacava como líder que dominava a vida de todos. Não era o chefe absoluto do movimento, pois ao seu lado havia Quinzeiro, que, como ex-participante da comunidade do Caldeirão, ocupava elevada posição na hierarquia. Quinzeiro, porém, não tinha qualidades de "messias", não passando de *profeta messiânico*; favoreceu grandemente a atuação de José Senhorinho, que, através de longo ritual e rigorosas sanções, empregou técnicas que produziram a vinda da tão almejada "idade de ouro".

José Senhorinho, apesar das referidas qualidades, não deve ser enquadrado como o "messias" do movimento, nem a comunidade de Pau de Colher era o "nôvo reino" esperado com tanta ansiedade, pois este surgiria no momento em que fôsse reinstalada a extinta comunidade do Caldeirão, o que logicamente produziria o retorno triunfante de José Lourenço, que desde muito tempo vinha se conduzindo como o "messias" ou "libertador" para uma quantidade apreciável de adeptos, espalhados por todo o nordeste. Tudo indica que a atuação de José Senhorinho e a própria existência da comunidade de Pau de Colher só se explicava diante do ideal maior de um deslocamento para o sítio do Caldeirão.

Com a morte de Senhorinho quando das primeiras lutas contra as forças policiais, interromperam-se os preparativos para o deslocamento; no entanto, a coesão grupal não foi abalada, já que a luta contra as forças legais, como em muitos outros movimentos dêsse tipo ocorridos no Brasil, veio desempenhar as funções de "guerra santa" em defesa de um ideal divino. Morrer pela fé ou causar a morte aos inimigos dela constituía uma garantia de "salvação".

Para compreender o movimento de Pau de Colher é preciso conhecer a sua vinculação com o do Caldeirão. Além disso, ambos fazem parte de uma série de manifestações religiosas filiadas ao foco de Juazeiro do Norte liderado pelo Padre Cícero.

Concluimos pela necessidade de estudos particulares dos diversos casos ocorridos, o que possibilitará uma interpretação mais ampla da religiosidade numa área bem definida do território brasileiro. As intensas preocupações sobrenaturais dos nossos caboclos e as interações entre as diversas manifestações e formas religiosas e o contexto sócio-cultural e econômico das áreas rurais brasileiras, mostram a importância dêsses estudos para a compreensão da cultura de determinadas regiões como um todo, o que é fundamental nos planos de recuperação de áreas e solução de diversos problemas humanos.

## BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO (Padre Heitor)  
1953. Vinte anos de sertão. Bahia, Empresa Gráfica Ltda.
- AZEVEDO (Thales de)  
1955. O catolicismo no Brasil. Os Cadernos de Cultura.
- BARTHOLOMEU (Dr. Floro)  
1923. Juazeiro e o Padre Cícero. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional.
- BASTIDE (Roger)  
1959. Brasil, terra dos contrastes. São Paulo, Difusão Européia do Livro.
- CALDEIRA (Clóvis)  
1956. Mutirão. São Paulo, Companhia Editôra Nacional.
- FIGUEIREDO (José Alves de)  
— O Beato José Lourenço. Crato, Ceará, Tipografia "Gazeta do Cariri".
- GUEIROS (Major Optato)  
1942. Cangaceiros e fanáticos. Recife.
- GUEIROS (Optato)  
1956. Lampeão. Bahia, Livraria Progresso Editôra.
- KOHN (Hans)  
— "Messianism". Encyclopedia of the Social Sciences.
- LOURENÇO FILHO (M. B.)  
— Juazeiro do Padre Cícero. São Paulo, Edições Melhoramentos.
- MENEZES (Djacir)  
1937. O outro nordeste. Rio, Livraria José Olympio Editôra.
- MENSCHING (G.)  
1951. Sociologie religieuse. Paris, Payot.
- PINHEIRO (Dr. Irineu)  
1950. "Um baiano a serviço do Ceará e do Brasil". Anais do I Congresso de História da Bahia, vol. III.
- QUEIROZ (Maria Isaura Pereira de)  
1957. La "guerre sainte" au Brésil: Le mouvement messianique du "Contestado". Boletim n.º 187, Sociologia I, n.º 5, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.  
1958. 1 "L'influence du milieu social interne sur les mouvements messianiques brésiliens". Archives de Sociologie des Religions, janvier-juin, n.º 5.  
1958. 2 "Classifications des messianismes brésiliens". Archives de Sociologie des Religions, janvier-juin, n.º 5. Paris.
- TAVARES (Cel. Maurino Cezimbra)  
1954. Fatôres históricos da criminalidade. Imprensa Oficial da Bahia.
- WACH (Joachim)  
1946. Sociología de la Religión. México, Fondo de Cultura Económica.
- WEBER (Max)  
1944. Economía y Sociedad. México, Fondo de Cultura Económica, vol. II.